

## ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS E LITERATURAS NOS INSTITUTOS FEDERAIS

No ano de 2020, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) completam 12 anos desde sua última mudança de institucionalidade e a revista *Leia Escola* brinda o(a)s leitor(a)s com uma coletânea que apresenta um pouco da produção científica e do acúmulo de discussões sobre essa inovadora estrutura educacional pela ótica de professore(a)s e pesquisadore(a)s dessa própria rede.

Desde 2008, acompanhamos uma transformação no cenário da educação brasileira com a inserção de um novo tipo de instituição de ensino – decorrente da incorporação de escolas e centros tecnológicos com ampla experiência em diferentes áreas do conhecimento – compondo um novo mosaico de possibilidades para jovens e adultos brasileiros de diferentes regiões e municípios na busca por uma formação profissional em diversificadas áreas de atuação e níveis de ensino.

Conforme Eliezer Pacheco, ex-secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação entre 2005-2012, definiu recentemente<sup>1</sup>, os IFs são o exemplo da maior política pública brasileira dos últimos tempos. O educador defende tal ponto de vista por acreditar no caráter singular dessa institucionalidade e em sua proposta de formação humana integral do sujeito, que perpassa os projetos pedagógicos desde a educação básica até os cursos de pós-graduação *stricto sensu* ministrados por essa rede.

Os IFs são instituições equiparadas às Universidades Federais em todos os sentidos, no entanto, não podem ser comparadas e avaliadas de igual maneira. Isso porque a missão formativa, a relação entre as áreas do conhecimento, os espaços físicos e simbólicos, o perfil de professore(a)s e estudantes, as vivências, as práticas etc. são simplesmente diferentes. Acreditamos que essa diversidade e a riqueza do sistema educacional público brasileiro a partir da incorporação dos IFs só tenha a contribuir para o avanço da inovação científica do país, respeitando os novos formatos e as heterogêneas experiências de vivenciar a academia.

---

<sup>1</sup> Em um debate realizado no dia 20 de agosto de 2020 no canal “IFs em Luta”, do Facebook, no painel temático sobre o tema “Graduações e Licenciaturas nos Institutos Federais”.

Sobre a área de Letras e Linguagens no âmbito dos IFs, as disciplinas de Língua Portuguesa/Literaturas e Línguas Estrangeiras – no decorrer das variadas reformas curriculares da educação profissional e múltiplas identidades institucionais – quase sempre estiveram presentes no currículo do ensino propedêutico e técnico. Pela diversidade de instituições que compõem o conjunto da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica nunca foi possível e do interesse coletivo a padronização da carga horária e dos modos de oferta desses componentes curriculares, mesmo porque o atendimento às múltiplas realidades locais e seus interesses de aprendizagem sempre estiveram na tônica propositiva dos projetos pedagógicos.

Em relação ao ensino superior na educação profissional e tecnológica, o ano de 2006, época ainda anterior ao surgimento dos IFs, registra a ocorrência dos dois primeiros cursos de Licenciatura em Letras/Espanhol nesse sistema universitário. Esse marco histórico aponta a multiplicidade dessa rede e seu compromisso com a formação docente em várias áreas. Por outro lado, também confirma a inovação e a expansão desses centros na realização de pesquisa científica de naturezas diversas.

Ao se configurarem como instituições de ensino, pesquisa e extensão em que docentes ministram aulas do ensino técnico à pós-graduação *stricto sensu* em diversas áreas, inclusive, como sinalizado, na área de Letras e Linguagens, os IFs constroem-se como instituição privilegiada para a prática docente. O(A)s professore(a)s dessa institucionalidade, além de ministrarem suas aulas, estão constantemente envolvidos em grupos de estudos, práticas de pesquisa, projetos de extensão etc., que permitem a atualização dos saberes e a construção de novos conhecimentos que, dialogicamente, contribuem para o desenvolvimento de práticas inovadoras para a sala de aula.

Além disso, grande parte desse(a)s professore(a)s, devido à natureza da instituição e a políticas e incentivos à formação continuada da carreira, cursam ou cursaram a pós-graduação *stricto sensu*, constituindo-se formalmente enquanto pesquisadores e, em um número significativo de casos, elegendo como objetos de pesquisa suas próprias práticas nas sala de aula nos IFs. Fatos como esses atestam para a construção dos Institutos como *loci* privilegiados não apenas para a construção de práticas de ensino de qualidade socialmente referenciada, mas também de investigação, pesquisa e inovação sobre essas práticas pelo(a)s mesmo(a)s profissionais que neles atuam.

Outro importante movimento potencializado a partir da última mudança de institucionalidade dos IFs é a interiorização das instituições federais de educação e, por consequência, de suas práticas de pesquisa. Como instituições *multicampi* e descentralizadas, os IFs localizam-se em todos os estados do Brasil, majoritariamente em *campi* em cidades do interior desses estados. Esses *campi* facilitam o movimento de ampliação dos centros de produção de conhecimento das capitais brasileiras para o interior do país, o que, por sua vez, permite a construção de novos olhares para o ensino de línguas e literaturas a partir contextos e pontos de vista diversos. Essa interiorização nos modos de construção de conhecimentos é perceptível, inclusive, em alguns dos artigos deste dossiê temático.

Dito isso, percebemos que esta edição especial da *Revista Leia Escola* reúne um pouco da identidade de pesquisa e do crescimento da área de Letras e Linguagens nos últimos anos no espaço dos IFs. A presente edição teve ampla adesão e participação da comunidade acadêmica, recebendo mais de quarenta submissões somente sobre a prática pedagógica de professore(a)s e pesquisadore(a)s de línguas atuantes na educação profissional e tecnológica. Tal fato comprova que os IFs estão movimentando muitas reflexões e investigações científicas de qualidade. Para o número vigente, selecionamos vinte e um artigos, sendo dezessete textos sobre experiências pedagógicas realizadas no contexto de instituições tecnológicas, cinco na seção livre e uma entrevista.

Sobre o conjunto temático da edição, notamos a presença de pelo menos dez estados representados com artigos que abordam particularidades e projetos específicos nos respectivos IFs. Os textos reúnem mostras de estudos documentais, quantitativos e qualitativos a partir de instrumentos diversificados para compor um cenário plural sobre as práticas relacionadas ao ensino de português, inglês, espanhol e suas literaturas no currículo do ensino médio integrado e em cursos superiores dos IFs.

Observamos um destaque para reflexões sob o prisma de Linguística Aplicada que dialogam com as teorias dos multiletramentos, as perspectivas críticas de ensino, o letramento literário, a formação de leitores, a escrita colaborativa, os gêneros discursivos, as representações sociais e as atitudes linguísticas como mecanismos epistemológicos para discutir sobre o ensino de línguas nos cursos integrados dos distintos cenários dos IFs. Algumas dessas questões também receberam o recorte analítico da diversidade racial, da igualdade de gênero, da diversidade identitária, da preocupação ambiental e da pluralidade de saberes docentes.

As práticas pedagógicas do ensino superior são problematizadas a partir de estudos sobre o papel do estágio supervisionado e das concepções de trabalho docente nos cursos de Licenciatura em Letras dos IFs e das reflexões sobre a presença de disciplinas de Linguagens nos cursos superiores de tecnologia nesse cenário de educação superior.

Na parte diversificada dessa edição, o(a) leitor(a) encontrará textos que continuam o diálogo com a temática do ensino de linguagem, mesmo que não diretamente relacionados com os IFs. Esses textos abordam questões como o ensino do espanhol nas instituições de ensino superior no Rio Grande do Norte e a utilização do gênero charge em atividades de leitura mediadas por tecnologias, os ambientes digitais e os novos modos de escrita. Ademais, a análise com enfoque na questão de gênero também encontra lugar nessa seção em texto que propõe uma leitura da mulher negra brasileira construída nas páginas de uma narrativa de viagens. Por fim, a edição traz ainda uma entrevista com Maria Lúcia Pessoa Sampaio, pesquisadora da área de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sobre leitura, partilha e resistência.

Almejamos que a leitura deste número possibilite que o(a) leitor(a) enxergue o potencial da área de Letras e Linguagens no rico cenário investigativo dos IFs. Além disso, esperamos que a leitura sobre essa institucionalidade desperte uma gama de novas perguntas e questionamentos vislumbrando o contínuo avanço desse contexto educacional em publicações futuras.

Prof. Dr. Antonio Ferreira da Silva Júnior - UFRJ

Prof. Dr. José Veranildo Lopes da Costa Júnior - UERN

Prof. Dr. Marcel Alvaro de Amorim - IFRJ/UFRJ

Campina Grande, 30 de agosto de 2020.